

Nelson Rego e Salete Kozel  
Organizadores  
Ana Francisca Azevedo  
Colaboradora

# NARRATIVAS GEOGRAFIAS & CARTOGRAFIAS

para viver, é preciso espaço e tempo

Volume II



**Nelson Rego e Salete Kozel**  
Organizadores  
**Ana Francisca Azevedo**  
Colaboradora

# **NARRATIVAS GEOGRAFIAS & CARTOGRAFIAS**

**para viver, é preciso espaço e tempo**

**Volume II**

2020

**Editoras**



ISBN E-book: 978-85-94121-07-3

1ª Edição - 2020

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, sem autorização expressa dos autores ou da editora. A violação importará nas providências judiciais previstas no artigo 102, da Lei nº 9.610/1998, sem prejuízo da responsabilidade criminal. Os textos deste livro são de responsabilidade de seus autores.

### **Editora Compasso Lugar-Cultura**

Responsável André Suertegaray Rossato

Porto Alegre - RS - Brasil

Telefones (51) 984269928

compassolugarcultura@gmail.com

www.compassolugarcultura.com

### **Editora IGEO - UFRGS**

#### **Editores**

Cristiano Quaresma de Paula

Dirce Maria Antunes Suertegaray

#### **Capa**

Cristiano Quaresma de Paula

Pintura "Candomblé", de Djanira Motta e Silva (1957, têmpera sobre madeira, 250 x 243 cm, coleção Banco Itaú, Salvador, Bahia, foto: Iara Venanzi).

### **Conselho Editorial**

Álvaro Heidrich

Carlos Henrique Aigner

Cláudia Luíza Zeferino Pires

Dakir Larara Machado da Silva

Dilermando Cattaneo da Silveira

Dirce Maria Antunes Suertegaray

Helena Copetti Callai

Jaeme Luiz Callai

João Osvaldo Rodrigues Nunes

Laurindo Antonio Guasselli

Maíra Suertegaray Rossato

Nelson Rego

Roberto Verdum

Rosa Maria Vieira Medeiros

Sinthia Batista

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

N234

v.2-2

Narrativas, Geografias e Cartografias: para viver é preciso espaço e tempo /  
Nelson Rego, Salete Kozel, organizadores; Ana Francisca Azevedo,  
colaborador – [IGEO, Departamento de Geociências da UFRGS]. Porto Alegre  
: Compasso Lugar-Cultura, 2020.  
v. 2 : 667-1288p.

ISBN 978-85-94121-07-3

1. Geografia Humana. 2. Coletâneas de textos. I. Título II. Rego, Nelson (org.).  
III. Kozel, Salete (org.). IV. Azevedo, Ana Francisca (colab.).

CDU 911.3

CDD 304.2

As Cartografias do Pagus que se  
Entrelaçam em suas Narrativas  
Multidisciplinares

---

**Roberto Verdum**

**Daniele Caron**

**Janice Martins Sitya Appel**

**Lucimar de Fátima dos Santos Vieira**

**João Luís Maciel Linck**

**Mário Luiz Rangel**

**Maurício Ragagnin Pimentel**

**Gianluca Mascali Perseu**



## Introdução

O *Laboratório da Paisagem - Pagus*, do Departamento de Geografia, do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tem como propósito experimentar a aplicação de distintos referenciais teórico-metodológicos da categoria de análise da paisagem frente às problemáticas urbanas e/ou rurais. O grupo nasceu com o objetivo de desenvolver estudos nas diversas perspectivas que a paisagem proporciona, gerando estudos e trabalhos técnicos e científicos que busquem concebê-la numa perspectiva de entrelaçamento multidisciplinar. Ele é constituído por profissionais da área da arquitetura, artes plásticas, biologia, educação, geografia e turismo.

No *Pagus* são desenvolvidas pesquisas conceituais e metodológicas que buscam definir um conceito operativo para a ordenação, planificação e gestão do território, pois é cada vez mais frequente a utilização da paisagem nos discursos sobre cidade, rural, território e ambiente; não somente no âmbito acadêmico, mas também nas administrações públicas.

As abordagens disciplinares da paisagem, nesse laboratório, podem ser muito amplas, e vão desde as concepções artísticas que trazem consigo a questão da representação, como as concepções da Geografia, frequentemente relacionadas às transformações de usos da terra e morfológicas geradas a partir da ação das sociedades humanas sobre o território. Neste sentido, a necessidade de teorizar sobre a paisagem revela o caráter polissêmico do termo, que permite variadas concepções.

A perspectiva do *Pagus* é a do entendimento da paisagem como um sistema aberto, como um conceito complexo ao qual estão relacionados aspectos da natureza e da sociedade em constante interação e transformação. Assim, compreendemos que a paisagem é uma categoria de análise interessante e de enorme potencial para desvendar as relações de uma sociedade com seu meio, as controvérsias e os conflitos que lhes são inerentes.

Em conjunto, os pesquisadores do *Pagus* têm desenvolvido suas investigações sobre a paisagem a partir da interação de duas

perspectivas: a paisagem enquanto materialidade e a paisagem enquanto um fenômeno de inter-relação entre sujeito e território, sendo que ambas as compreensões da paisagem projetam as práticas do grupo de pesquisa. Raras são as pesquisas que optam por apenas uma dessas abordagens, por isso não as separamos com intuito classificatório, mas sim com o objetivo de explorar essas duas perspectivas para melhor compreendê-las.

Diversos são os instrumentos e as ferramentas agenciados pelo *Pagus* para ler e interpretar a paisagem em sua complexidade. Entretanto, a cartografia perpassa de modo contundente as experiências de pesquisa desenvolvidas no laboratório, oferecendo possibilidades de construção, representação e divulgação igualmente diversos. Por outro lado, o laboratório vem trabalhando com sobreposições conceituais e operativas entre os conceitos de paisagem, narrativa e cartografia, que vem ampliando o entendimento daquela como um fenômeno complexo e potencialmente múltiplo. Neste sentido, nos parece interessante narrar os processos de construção cartográfica em nossas múltiplas investigações, a fim de constituir uma metanarrativa da cartografia da paisagem que discute aspectos como: da percepção, do agenciamento entre sujeito e território, da materialidade do instrumental cartográfico, da representação enquanto processamento da percepção sempre única do sujeito, da representação enquanto metatexto do pesquisador, relendo o recorte da paisagem a partir de seus pressupostos teórico-metodológicos, etc.

Para isso, é fundamental nos perguntarmos: Como discutir a interrelação entre os conceitos de paisagem, narrativa e cartografia? Harley (2009, p. 21) entende que os mapas e suas representações cartográficas são formas de discurso, contendo códigos de natureza linguística, numérica, temporal e vinculados às imagens. Essa concepção nos remete a uma primeira afirmação que orienta as práticas de produção do *Pagus* na perspectiva da construção cartográfica e das narrativas que as acompanham: A cartografia que expressa a paisagem não é somente uma representação do espaço como entidade abstrata, mas a expressão das temporalidades que

---

constituem a espacialidade como estratificação complexa de sentidos diversos entre sujeito, ambiente e território.

Assim, para expressar as construções paisagísticas na perspectiva da representações cartográficas acopladas às narrativas que as constroem, expomos a seguir as experiências que fluem entre os sujeitos que compõem o *Pagus*.

### **Jardins em movimento - cartografias da paisagem possíveis em arte contemporânea**

A arte sempre se motiva de alguma maneira ao encontro da paisagem e encontra nela diferentes formas, sejam elas pensadas ou vivenciadas, para que seja possível a expressão, a representação e a experiência. Primeiramente podemos dizer que a busca pela paisagem na arte inicia com uma parte fundamental da pintura, na qual se mantém por séculos, através da representação ou ao que percebemos estar o mais próximo possível da natureza, através da imagem pintada por algum artista. Podemos assim dizer, que estar próximo a algo, no caso à natureza, requer um deslocamento e por assim dizer, a chegada em algum lugar.

Neste sentido, temos exemplificados, desde Salomon Von Ruysdel (1603-1670), na obra *Road in the Dunes with a Passanger Coach* (1631), como em Jean-Baptiste Camille Corot (1796–1875), a partir da pintura *The Bridge at Narni* (1826) que a presença de um artista atua na construção de um lugar na paisagem, do qual parte, não somente da observação, mas também de um conjunto de sensações perceptivas, que o faz desde o seu deslocamento até o ponto final, imbuído em sua totalidade, não somente de suas memórias astrais, históricas, fictícias, mas também de diversos outros registros, aqueles os quais sempre levamos conosco em nossas experiências e os quais são suficientemente potentes para alargarem estas experiências às novas vivências e seus espaços.

O artista é então, um agente que comunica a paisagem aos demais, ao torná-la visual, não verbal, dada como fato ou ilusão, como lugar ou espaço praticado, como parte e território, como

experiência individual ou coletiva. A este deslocamento, de um ponto a outro, o qual desenvolve o artista, vem a designar não somente um movimento e sua trajetória, mas também as experiências que desenvolve no abranger deste caminho, seu contato com o meio e com o outro; sendo que todos os registros possíveis, podemos chamar de cartografia – um modo direto de mergulhar na paisagem na execução de uma experiência junto ao seu relato. Em um contexto pictórico, a representação seria parte deste relato não-verbal que ocupa este lugar de destaque.

Já, a partir da arte contemporânea, pode-se dizer que a paisagem atualmente está dividida entre o que é real e o que é imagem, abrindo-se assim, para outras linguagens tais como: a performance, o vídeo, a fotografia, a arte sonora, o cinema, a poesia e a literatura, entre outras linguagens quase sempre efêmeras. Desta afirmação podemos pensar em uma genealogia que vem desde a compreensão da história da pintura como a principal linguagem a representar em termos hegemônicos a paisagem, ainda que a arte oriental tenha bastante representação histórica a partir do exemplo das paisagens do artista japonês Sesshū Tōyō (1420-1506). Contudo, é no âmbito da escultura que se promove uma ruptura nos paradigmas quanto à paisagem na arte, através dos estudos da crítica de arte Rosalind Krauss<sup>1</sup> e o mapeamento de um grupo de artistas norte-americanos ao final da década de 1960, denominados como os representantes do campo ampliado da escultura<sup>2</sup>, os quais atuam sobre o espaço da paisagem urbana e rural, tal como no exemplo da

1 Rosalind Krauss (1941-), crítica de arte, teórica e professora de história da arte moderna e contemporânea é referência para a proposição do esquema que define o axioma entre escultura, paisagem e arquitetura, ampliando os estudos da paisagem na arte, até então sob domínio da pintura, para o campo da escultura e consequentemente para intervenções em espaço aberto.

2 São considerados os principais artistas do campo ampliado, Robert Morris, Robert Smithson, Claes Oldenburg, Bruce Nauman, Richard Serra, Carl André, Michael Heizer, Nancy Holt, Donald Judd, Christo e Jeanne-Claude. Durante aproximadamente uma década realizaram inúmeras intervenções na paisagem, relacionando a arte aos estudos geográficos, geológicos, biológicos, sociológicos e da antropologia para realização de projetos. A cartografia surge aqui como metodologia de trabalho para a arte fora do espaço da galeria.

---

*Land Art*<sup>3</sup>, bem como alternam o uso do espaço da galeria e tornam impossível a apresentação da paisagem para além dos espaços do museu.

Deste modo nos faz pensar também o crítico de arte José Luis Brea quando aos finais dos anos 1990 expande ainda mais o que denominamos *campo ampliado da arte* para a inclusão dos movimentos sociais, da vida nas cidades e suas comunidades, os parques, praças, jardins e a arte pública e urbana, bem como suas utopias, abrindo assim o espaço para um pensamento e uma abordagem cartográfica na paisagem. As Artes Visuais passam então a dialogar com diferentes campos do conhecimento, tais como: a Geografia, a Geologia, a Biologia e uma grande gama das ciências humanas e linguísticas. Desta maneira, chegamos a uma arte contemporânea dialógica e relacional, que se aproxima da paisagem como um percurso na qual a ciência e a arte se complementam e assim, mais uma vez, nos aproximamos da cartografia.

Como processo criativo capaz de formar uma cartografia da paisagem, fui desenvolvendo em minha trajetória artística, (APPEL, 2016), diferentes trabalhos acerca dos estudos dos jardins e suas poéticas durante os últimos cinco anos, sendo os principais, *Jardín en Movimiento*, 2016<sup>4</sup> [figura 1] (*Festival Intramurs* de Arte Urbano

---

3 *Land Art*, *Earth Art* ou *Earthwork* é uma corrente artística do final da década de 1960, que se utilizava de intervenções na paisagem, no meio ambiente e em espaços de recursos naturais, muitas vezes com interesse às questões ligadas à ecologia.

4 *Jardín en Movimiento* em sua primeira versão foi realizado em Valência, nascendo primeiramente como projeto interrompido a ser desenvolvido no bairro Cabanyal durante a minha participação no curso do Diploma de Especialización en Sostenibilidad, Ética Ecológica Y Educación Ambiental, da UPV de Valência, por ocasião do doutorado sanduíche em Artes Visuais, pelo Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a tese *Jardim: Laboratório de Experiências à Céu Aberto* (APPEL, 2016). Por ocasião do *Festival Intramurs* de Valência, na edição de 2016, o produtor cultural Domingo Mestre (1960), assume a gerência do projeto, ativando o processo cartográfico.



em Valencia, Espanha) e *Jardín en Movimiento Flamenco*<sup>5</sup>, 2018 [Figura 2] (Festival Intramuros de Arte Alternativa de Jerez de la Frontera, Espanha).

O projeto Jardín en Movimiento, Figura 1, tem como principal característica a abordagem das diferentes dinâmicas da paisagem estabelecidas em um território, tanto pela observação do percurso da produção agrícola pelo território, como pelo convívio com os protagonistas desta produção, desde os cultivos até a comercialização. Participaram da performance mais de 200 pessoas por edição, ativando diferentes setores culturais e comerciais da cidade e que se desdobrou em outras atividades, as quais envolveram escolas, espaços culturais, associações de moradores e o reflorestamento de mais de duas mil espécies nativas locais. A partir desta versão o projeto passa a cartografar novas paisagens entre Europa e a região do Marrocos, no norte África. Jardín en Movimiento consiste, portanto, em uma plataforma de trabalho artístico que atua em diferentes linguagens e registros gráficos, desde a ação-performance até a cartografia relacional, na qual realizei um mapeamento dos produtores agrícolas locais, sendo eles agricultores familiares ou da agroindústria. Durante este trabalho me proponho a conviver de forma direta com os diferentes setores agrícolas, coletando e montando carrinhos ambulantes constituídos das caixas que os produtores usam para armazenar e comercializar os frutos, legumes, verduras e flores cultivados em determinada região. Denomino esta parte do processo como uma cartografia capaz de revelar outra visibilidade daquela paisagem agrícola que antes víamos somente através de uma pintura. Pois agora é o ato de cartografar o

5 *Jardín en Movimiento Flamenco* acontece no ano de 2018, dois anos após o surgimento da primeira proposta e realiza um processo de pragmatismo artístico-cartográfico, já que é planejado com bastante antecedência sobre os mapas e o contexto da região Andaluz. Reuniu além da participação artística do produtor Domingo Mestre, a inserção da colaboração de agentes locais, tais como produtores e comerciantes de flores, bem como de alguns jardineiros de Jerez de la Frontera, professores acadêmicos e de escolas, bem como mobilizou outros setores da economia cultural local, mas principalmente a ação participativa das mulheres que definiam a temática flamenca como cartografia da paisagem de maior relevância.

passo fundamental para a desconstrução da paisagem pictórica e a reconstrução da paisagem como experiência, pela performance relacional ou das artes da ação.

Figura 1 - Jardín en Movimiento, 2016, Festival Intramurs de Arte Urbana em Valência, Espanha



Fonte: Banco de dados de imagem do Festival Intramurs, em <https://www.intramurs.org>.

Para além da montagem das caixas de jardins sobre rodas é também o seu deslocamento nas ruas da cidade que determina o conceito de movimento ao jardim, onde é realizado um trabalho de reflexão quanto aos silenciosos impactos ambientais existentes na paisagem agrícola e a possibilidade de recuperação na ação posterior ao movimento que é reflorestamento através da atividade artística. Neste sentido, todas as plantas que se movimentam sobre os carrinhos constituem outra parte do trabalho e que depois são distribuídas durante a ação-performance para uma posterior ação de reflorestamento entre escolas e a população em geral - como no caso de alguns exemplares autóctones da paisagem local, onde se realiza o trabalho.

Em uma versão mais recente do projeto, está a versão *Jardín en Movimiento Flamenco*, que estabelece uma conexão entre o movimento-deslocamento acrescido do elemento feminino como fundamental da paisagem flamenca e ao que corresponde às dinâmicas da cartografia do feminino na paisagem. Para a realização deste trabalho era fundamental que as mulheres estivessem vestidas de vermelho e em

fila pelas ruas de pedra de Jerez de la Frontera, por onde correm linearmente as águas em épocas de chuva, as quais escorrem desde a mais longínqua paisagem rural até o seu centro urbano, Figura 2.

Figura 2 - Jardín en Movimiento Flamenco, 2018, Festival Intramuros de Cultura Alternativa de Jerez de la Frontera, Espanha



Fotografía de Domingo Mestre.

Em diálogo com a leitura de “*Jardins, paysage et génie naturel*”, o jardineiro e pesquisador de jardins, Gilles Clement (2012), apresenta o jardim como campo de conhecimento, tendo em vista que ele elabora reflexões, assim como de experiências, exigindo um posicionamento entre o ser humano sensível e o prático perante à natureza. Neste sentido, os posicionamentos de Clement trouxeram significativas reflexões para as minhas práticas no jardim, as quais passei a incorporar também como método através nas ações desenvolvidas ao longo da experiência, descritas através de relatos, desenhos, objetos e da formação de arquivos a partir de registros audiovisuais. Jardim em movimento é então um modo de operar sobre a paisagem pelo ato de cartografar, pois deslocar-se em direção ao outro nos faz repensar os territórios.

### **O carto-coreografar das narrativas de Paraty/RJ**

Entendo a paisagem como uma inter-relação entre sujeito e território agenciada pela experiência vivida, e a narrativa como uma perspectiva epistemológica, que nos permite entrar em contato com

---

as subjetividades implícitas nos mecanismos de percepção e representação do fenômeno.

Enquanto uma episteme da experiência humana, a narrativa se abre à memória coletiva que se materializa como paisagem em uma superposição de temporalidades. Esta superposição mistura um tempo não cronológico a um espaço sempre mediado pelo corpo do sujeito que olha e percebe a paisagem, e inscreve cotidianamente suas trajetórias como uma rede infinita e aberta de histórias de vida que dão sentido ao fenômeno. A lógica da paisagem está relacionada à estas histórias, uma vez que para existir, convoca os olhares e os processos de subjetivação de um sujeito permanentemente afetado por questões de ordem simbólica e afetiva.

A experiência do carto-coreografar as narrativas da paisagem de Paraty/RJ forma parte da tese doutoral: *“El estudio del paisaje como clave interpretativa del territorio a través de las narrativas para la planificación urbana y territorial. Paraty/Río de Janeiro/Brasil”*, defendida na *Universidad Politécnica de Cataluña*, no início de 2017. Entre os anos de 2010 e 2011 desenvolvi um trabalho de campo em Paraty sob a forma de etnografias da paisagem, buscando constituir uma co-pesquisa dialógica com os narradores, e ao mesmo tempo cartografar os conceitos, os valores e as espaço-temporalidades implícitas nos relatos. Através destas etnografias eu buscava agenciar novos argumentos que tencionassem o *modus operandi* do planejamento urbano, tradicionalmente codificado, normativo e prescritivo.

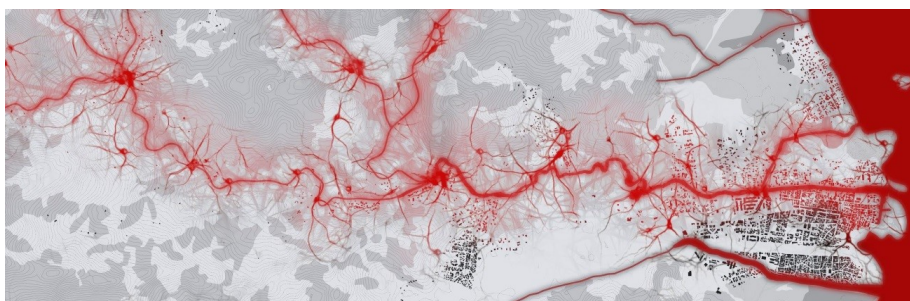
Desenhar este arco de relação entre as subjetividades constituidoras da paisagem e o processo de planejamento urbano historicamente afastado da cotidianidade das pessoas me convocou a uma problematização da cartografia como estado estático de um saber geográfico. Como problematizar modos de expressão que por um lado acolhessem o conteúdo simbólico e afetivo da paisagem, e por outro estabelecessem certo diálogo com modos de representação da disciplina urbanística? A partir desta problematização, que proposições poderiam se constituir?

Realizar um estudo da paisagem como fenômeno significa

valorar as narrativas como retratos da experiência vivida de uma determinada comunidade, contemplando os elementos físicos, mas também os valores e conceitos que implicam o relato. Entretanto, me provocava a ideia de que os agenciamentos subjetivos constituídos, pelo olhar do sujeito, penetrassem no *modus operandi* da disciplina urbanística, deslocando-a do paradigma cartesiano, onde parece permanecer encerrada, e movendo-a em direção à memória e ao imaginário coletivos.

Para contextualizar o experimento das carto-coreografias de Paraty é fundamental colocar aqui de modo sintético como se desenhou o processo metodológico. O pretexto inicial da paisagem foi o rio Perequê-Açú que atravessa o território, desde as nascentes da Serra da Bocaina até o centro histórico, onde se desenvolveu uma das primeiras povoações do Brasil Colônia no século XVII, como fio condutor das experiências e histórias de vida da comunidade. O rio passa a ser então o mote da experiência etnográfica com os narradores (Figura 3), que é posta em marcha a partir de uma pergunta geradora, apoiada na metodologia da Entrevista Narrativo-Episódica de Flick (2007): "Como vê a paisagem de Paraty e sua transformação? O que representa o rio Perequê-Açú nesta paisagem e na sua vida?".

Figura 3 - O rio como fio condutor de distintas territorialidades



Fonte: Caron e Perseu (2017).

Os relatos da paisagem de oito narradores de Paraty geraram um material denso e complexo gravado e transcrito, capaz de apresentar problematizações importantes para o planejamento urbano e territorial do município. Com base nas teorias da narrativa



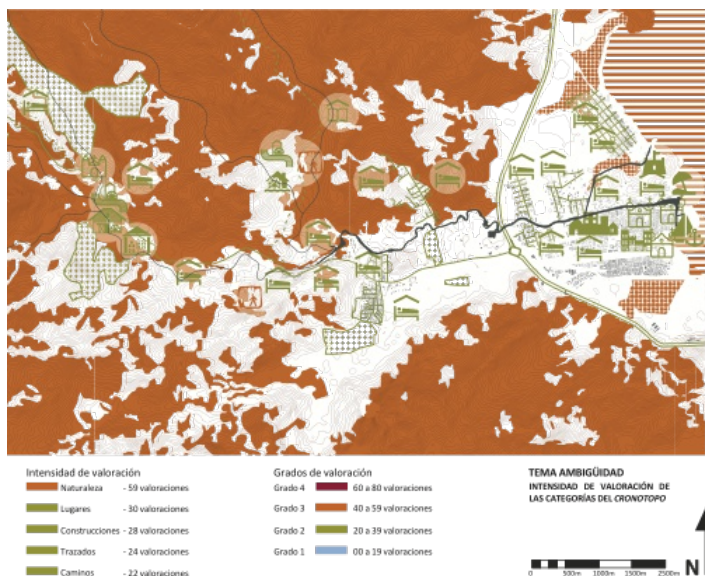
---

relacionada à arquitetura discutidas por Ricoeur (2003), e as estruturas narrativas propostas por Barthes (1977) e Bakhtin (1989) trabalhei com a análise discursiva dos relatos. Neste caso as três mímesis propostas por Ricoeur (2003) - prefiguração, configuração e refiguração -, funcionaram como operações que me permitiram desenhar uma análise discursiva das narrativas, que se traduziram no processo de fragmentação, categorização e metatexto da paisagem narrada. As unidades de análise trabalhadas estão relacionadas às estruturas narrativas propostas por Barthes (1977) no caso do tema-índice como sanção paradigmática da narrativa, e ao conceito de *cronotopo* de Bakhtin (1989), para trabalhar as espaço-temporalidades que dão forma ao relato.

Portanto, a análise das narrativas se deu em três etapas consecutivas: a fragmentação que gera as unidades de análise do relato (prefiguração), a categorização como matriz da paisagem narrada relacionando tema-índice, elementos do *cronotopo* e valores da paisagem (configuração); e finalmente a produção de um metatexto cartográfico, expresso como cartografias de intensidade de valoração da paisagem (Figura 4 e 5).

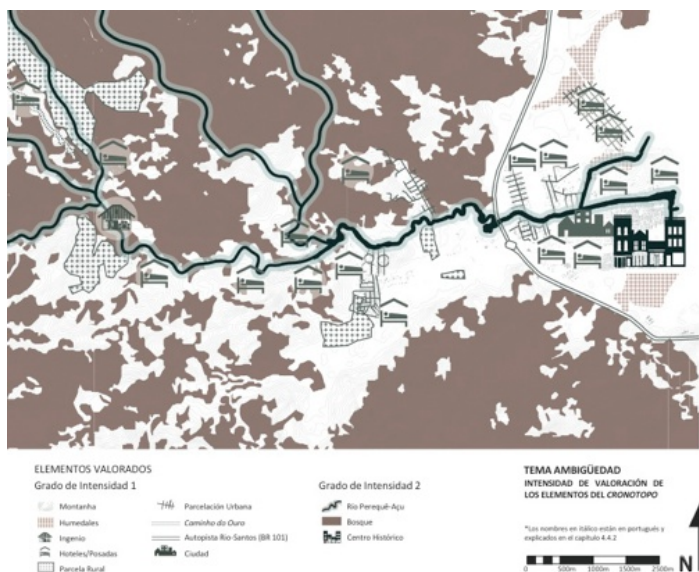
O objetivo destas cartografias era espacializar os elementos espaço-temporais da paisagem mais valorados pelos narradores, de acordo com cada tema-índice que atravessa o relato. A configuração entre as unidades de análise se deu em uma matriz narrativa que permitia a inteligibilidade e a intertextualidade próprias da narração (RICOEUR, 2003). Com a matriz foi possível gerar, através do *software* ArcGis, uma cartografia de intensidade de valoração dos elementos da paisagem, georreferenciando-os no território. Para cada tema-índice produzimos um par de cartografias: a intensidade de valoração das categorias do *cronotopo* natureza, construções, traçados, caminhos e lugares; e a intensidade de valoração dos elementos do *cronotopo* mais recorrentes dos relatos, como o mar, a montanha, o rio, o centro histórico, a casa de farinha, a BR-101, o mangue, os novos parcelamentos urbanos, etc.

Figura 4 – Cartografia de intensidade de valoração das categorias do cronotopo da paisagem – tema Ambigüidade



Fonte: Caron e Carvalho (2017).

Figura 5 – Cartografia de intensidade de valoração dos elementos do cronotopo da paisagem – tema Ambigüidade



Fonte: Caron e Carvalho (2017).

---

A espacialização da valoração dos elementos da paisagem nestas cartografias, mostrava algumas ênfases e paradoxos, que foram problematizados numa escrita que explorava, sobretudo, o caráter dialético dos temas – índices. De modo que a paisagem é narrada pelos narradores gerando estas cartografias, e estas cartografias são narradas pelo pesquisador até fazer emergir novos argumentos conceituais relacionados à experiência vivida dos sujeitos neste território e que problematizam os territórios contemporâneos. A função principal destes argumentos é tencionar a informação rígida e sistematizada do planejamento tradicional demasiado normativo, prescritivo e codificado.

É o caso das cartografias da ambiguidade (Figuras 4 e 5), onde os narradores valoram a natureza e os elementos da cultura, e ao mesmo tempo, defendem o processo de desenvolvimento urbano que se intensifica, a partir da década de 1970, com a construção da BR-101. Problematizada a partir dos conceitos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização de Raffestin (2009), a ambiguidade (um dos tema-índice pesquisados) apontou para um argumento que busca agenciar o rio Perequê-Açú à BR-101: o primeiro como elemento fundacional das relações históricas, culturais e ambientais entre a cultura caiçara e sertaneja; e o segundo como dispositivo de entrada do município na economia regional e mais tarde global, principalmente através do turismo.

Inicialmente, as cartografias de valoração foram concebidas como resultado final da investigação, ainda interessada em estabelecer relações diretas com o processo de planejamento. Entretanto, algumas questões epistemológicas da própria narrativa e da paisagem demonstravam que as cartografias elaboradas não expressavam o processo de percepção da paisagem. Tampouco, incorporavam as temporalidades que constituíram o território atual de Paraty como arena de disputa entre a preservação da natureza e da cultura, e o processo de mercantilização da paisagem operado pelo mercado imobiliário e turístico.

Voltando às inquietações da relação cartografia x narrativa x paisagem, comecei a me perguntar como cartografar a paisagem

assumindo a dinâmica das inter-subjetividades próprias da relação mutante entre sujeito e território? Cartografar a paisagem como fenômeno complexo nos convoca a assumir o sujeito no centro do processo, no sentido que que a paisagem somente é possível a partir de seus olhares que mudam ao longo do tempo, e que se confrontam com os olhares de outros sujeitos.

O desafio de cartografar o vivido exige superar a visão de Ícaro, que marca hegemonicamente a produção na ciência cartográfica. A figura de Ícaro na mitologia grega revela o deslumbramento do olhar distante sobre um território: o olhar desde o céu, tem a vantagem de uma visão ampla, que pode inclusive, dar a ver saídas para o caos urbano. Porém, esta visão de cartografia que tem a ver com o sistema panóptico do controle absoluto dos corpos de Foucault (1987), dificulta a inclusão das questões inerentes ao cotidiano, à vivência e à experiência da paisagem dos sujeitos. Este olhar distante, que gera uma cartografia que respalda acima de tudo um conhecimento espacial estático, pode produzir uma ruptura com as ressonâncias culturais que conformam a paisagem.

Com a intenção de experimentar outros modos de cartografar a paisagem, inclusive enquanto processo criativo e prospectivo, desenvolvi o experimento das *coreografias da paisagem*. Estas coreografias buscam um cartografar da paisagem desde a implicação no vivido, experienciado, imaginado e relatado, assumindo a multiplicidade de olhares e vozes, e ao mesmo tempo, as temporalidades que se expressam na constituição do território.

O termo *coreografias da paisagem*, cunhado por Llop (2013) sugere a ampliação da cartografia da paisagem no sentido de abarcar seu sentido fenomenológico, admitindo colagens de fragmentos cartográficos, *timelines*, diagramas, fotografias e outras experimentações. A coreografia da paisagem deve buscar introduzir a multiplicidade de vozes que agenciam a disputa no território, deve introduzir as narrativas baseadas na paisagem como fenômeno da experiência. Portanto, a coreografia aqui representa uma proposta de assimilação do conhecimento gerado a partir da experiência daquele

---

que narra a paisagem, reconfigurada pelo pesquisador a partir das questões teóricas relevantes para aquela investigação.

Outra referência importante para este experimento coreográfico está na discussão de Certeau (2000) sobre a tática, como movimento dentro do campo de visão do inimigo dentro do seu espaço de controle. Deste modo, o autor está pautando uma crítica ao caráter totalizador, estratégico e racionalizador das cartografias territoriais, indicando a tática como um movimento mais próximo da cotidianidade, mais aberto às improbabilidades da disputa no/pelo território. No caso desta pesquisa esse movimento tático se define pelo diálogo entre narrador e pesquisador: um sujeito que olha, percebe e narra sua experiência, um leitor-pesquisador que lê, interpreta e experimenta outra representação capaz de acolher a dimensão narrativa.

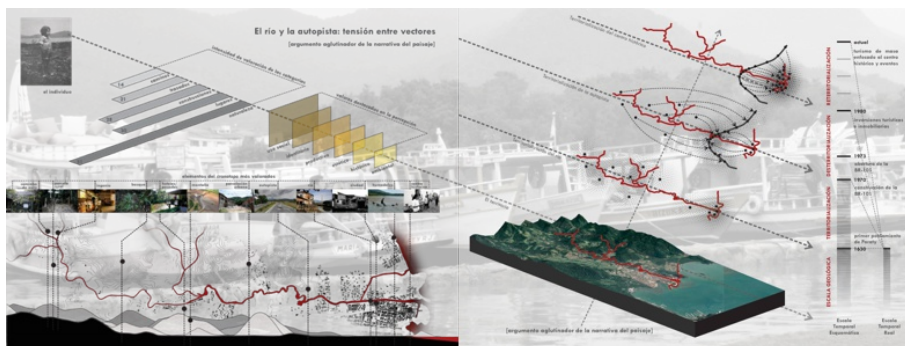
O dispositivo gerador das *coreografias da paisagem* de Paraty/RJ/Brasil (Figura 6) foram os argumentos conceituais emergentes na problematização das cartografias de intensidade de valoração. De acordo com cada tema-índice, construí as coreografias como sistemas abertos à percepção incluindo a dimensão temporal. De um lado apresento as questões da percepção e valoração da paisagem por parte dos narradores com a diferenciação e intensidade dos valores mais influentes, assim como as imagens dos elementos mais recorrentes na narração a partir daquele tema-índice. Do outro, apresento o argumento conceitual pela mistura entre a perspectiva tridimensional do território e os diagramas que colocam em evidência o processo de transformação ao longo do tempo, que são vinculados às distintas temporalidades.

A coreografia da ambiguidade em Paraty mostra o movimento das territorialidades na paisagem, de acordo com as novas dinâmicas socioeconômicas geradas a partir da implantação da BR-101. O argumento conceitual – “o rio e a estrada: tensão entre vetores” – é diagramado por uma escala temporal, na qual o território evolui inicialmente segundo uma temporalidade geológica, definindo os contornos físicos da bacia hidrográfica do Rio Perequê – Açú. O segundo período temporal apresenta o rio como articulador de



diferentes territorialidades dadas pelo desenvolvimento das culturas caíçara e sertaneja – a territorialização. O terceiro período está marcado pela transferência das territorialidades relacionadas ao rio para o eixo transversal da estrada BR-101, definindo um novo cotidiano laboral para a construção da estrada – a desterritorialização. Finalmente, o quarto período expressa uma nova transferência de territorialidades, uma vez que após 10 anos de afastamento das práticas autóctones do território tradicional, os sertanejos e caíçaras sofrem uma ruptura identitária com sua paisagem de origem, deslocando-se para o centro histórico e constituindo ali novas territorialidades relacionadas à atividade turística – a reterritorialização.

Figura 6 – Coreografia da paisagem – tema Ambiguidade



Fonte: Caron e Perseu (2017)

Entendo esta coreografia da paisagem, portanto, como um experimento que busca recuperar a dimensão tátil, narrativa e temporal da cartografia. É um agenciamento entre a percepção dos narradores e os suportes imagéticos e descritivos que permitem uma compreensão da paisagem em sua fenomenologia, vitalidade, volatilidade. Uma coreografia da paisagem deve ser sempre aberta a novas interpretações.

Na medida em que as coreografias demonstram os processos contemporâneos que afetam a paisagem, também indicam ações que evitem a fragilização das identidades paisagísticas. Os diagramas expõem um processo dinâmico no tempo e no espaço que devem ser

---

consideradas pela planificação e o projeto de território. As problemáticas sobre patrimonialização e banalização da paisagem e o excesso de zoneamento territorial devem revelar-se nas coreografias. É fundamental que o experimento coreográfico coloque em xeque as territorialidades que se constituem a partir da relação subjetiva e mutante entre sujeito e território, e as territorializações impostas pela lei ou pelo capital que implicam na perda dos valores simbólicos da paisagem. As coreografias devem, finalmente, provocar proposições que assumam a complexidade das dissonâncias dos territórios contemporâneos.

A multidimensionalidade requerida nas coreografias busca descrever e envolver o pesquisador da paisagem na percepção da sua complexidade. É um modo de recriar a cartografia que demanda menos precisão e mais atmosfera, um experimento que assuma definitivamente a paisagem como um fenômeno.

### **Como narrar, interpretar e representar as belezas cênicas das paisagens?**

Como criar um mapa temático a partir da percepção das pessoas em relação as suas paisagens? Como representar as belezas cênicas das paisagens em um mapa? Essas perguntas permearam a tese intitulada: *A valoração da beleza cênica da paisagem do bioma Pampa do Rio Grande do Sul: proposição conceitual e metodológica*, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Na primeira parte da tese, (VIEIRA, 2014), as minhas leituras eram em literaturas que explicassem o significado e a importância da beleza cênica; queria também entender quais os critérios da qualidade cênica das paisagens, além de investigar a origem das paisagens nas legislações tanto nacionais, quanto internacionais. Na segunda parte, as minhas leituras eram para encontrar um instrumento metodológico capaz de identificar e cartografar as belezas cênicas do bioma Pampa.

Após muitas leituras, percebi que se tratava de uma pesquisa

inédita ao se tratar do conceito de beleza cênica, da identificação e da produção de uma cartografia. Então, eu tinha que também construir o conceito e uma forma de cartografar. Quem poderia responder quais as paisagens teriam interesse cênico, deveriam ser os especialistas que pesquisam e trabalham na área do Pampa, e que expusessem os seus conhecimentos científicos e suas subjetividades. Foram entrevistados 26 profissionais das mais diversas áreas de formação (geógrafos, biólogos, arqueólogos, geólogos, engenheiros florestais, gestores ambientais, fotógrafos e jornalistas).

O formulário foi dividido em várias partes (informações do entrevistado; caracterização da paisagem descritiva, com ênfase a beleza cênica; identificação da paisagem sistêmica e percebida; valoração da beleza cênica; e valoração monetária da paisagem).

A parte do formulário que os entrevistados ficavam muito tempo falando e descrevendo, era sobre a paisagem sistêmica e percebida. Muitos ligavam o computador para mostrar as paisagens, identificá-las no *Google Maps* ou no *Google Earth*; mostrar em fotografias nos seus *smartphones*. Não se importavam com o tempo, quando explicavam o porquê aquelas paisagens eram belas, eram importantes para preservação/conservação, mas muito além disso, eram importantes para eles. As paisagens que foram valoradas com nota cinco (nota máxima), os entrevistados contavam histórias sobre elas, fatos pitorescos e até mesmo, muitas estavam na sua memória de infância e faziam parte da sua identidade.

Foi interessante chegar à conclusão de que a qualidade cênica é determinada pelo conjunto de elementos que caracterizam visualmente uma paisagem. Pois, ao observar e fazer a leitura da paisagem o observador, faz o exercício de selecionar, organizar e formar imagens mentais para caracterizá-las fisiograficamente e morfológicamente, em relação ao seu entorno e a sequência dos seus componentes, principalmente aqueles que conduzem às suas lembranças e experiências passadas.

Por outro lado, quando eu perguntava se essas paisagens deveriam ser estabelecidas um valor monetário ou outro valor para a conservação/preservação, os entrevistados não gostavam de

---

responder. Conclui que o valor da qualidade cênica da paisagem é um tema problemático e desafiador, pois são valores naturísticos, perceptivos e culturais.

Com a indicação das paisagens a partir das entrevistas, foi elaborado como produto uma cartografia com a identificação das belezas cênicas. A dificuldade em produzir esta cartografia era como representar em um papel tantas paisagens, tantas belezas cênicas que foram indicadas, algumas de maneira pontual e outras que classifiquei como um conjunto.

A categoria pontual caracteriza-se por uma paisagem que pode ser localizada pontualmente, que possui uma coordenada geográfica específica e a categoria conjunto, caracteriza-se por uma paisagem demarcada por um polígono, uma área, mas muitas vezes, nem no formato de um polígono eu consegui colocar em um mapa. A categoria corpos d'água e banhados, caracteriza-se por lagoas, lagunas, banhados, rios e arroios.

Classifiquei também, as paisagens preferidas dos entrevistados, como panorâmicas, focalizadas, com detalhes, as abrigadas, as fechadas e as com destaque. As preferidas foram as panorâmicas. E aí, vem a pergunta novamente: Como cartografá-las?

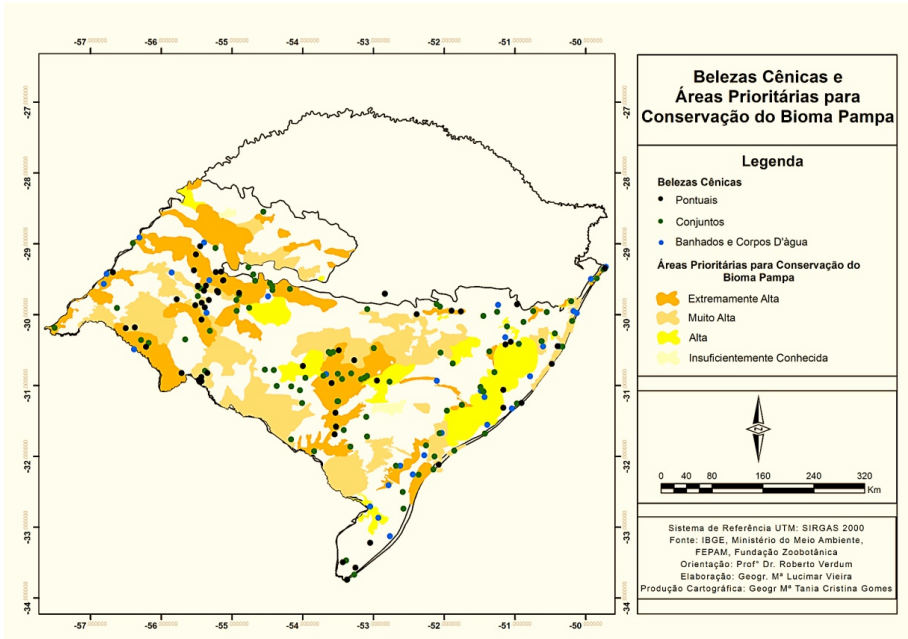
Foram identificadas 198 paisagens com belezas cênicas. Dessas 133, estão localizadas em Áreas Prioritárias para Conservação e Uso Sustentável e Repartição de Benefícios da Biodiversidade Brasileira (MMA, 2007) e 95 obtiveram nota máxima (cinco) pelos entrevistados. Também fica a pergunta, como cartografar as belezas cênicas, juntamente com as Áreas Prioritárias?

Assim, consegui, junto com meu orientador, elaborar uma cartografia das paisagens pontuais com as Áreas Prioritárias para Conservação, como mostra a Figura 7.

Exemplos de paisagens que não consegui cartografar em um mapa, porque foram classificadas como panorâmicas ou como um conjunto ou também porque podemos encontrar em vários locais no Pampa, além de que muitas remetem as lembranças durante as entrevistas:

“paisagens abertas da fronteira oeste”; “[...] um local que se possa enxergar o pôr do sol, sem árvores, preservadas ou conservadas, olhando a silhueta de uma vaca ou de uma ovelha”; “[...] nos pontos mais altos entre Lavras do Sul e São Gabriel”; “[...] a presença do homem altivo, enxergando longe, com capa (poncho pátria, que cobre o cavalo) andando pelo campo, a figura humana com o seu companheiro: o cavalo”; “[...] mangueiras de pau-a-pique; [...] mangueiras, taperas, bretes, açudes, instrumentos da lida do gaúcho”; “um cerro, um morro isolado para preservar a possibilidade de se ver ao longe; uma visão panorâmica”; “[...] algum local da frente das ‘cuestas’”; “[...] Campos diversificados, associados à vegetação representativa do bioma e diversidade de ecossistemas associados”; “[...] propriedades das antigas Charqueadas”; “[...] na BR-293, entre Pelotas e Santana do Livramento, paisagens que se perdem no horizonte”; e “[...] as matas de restinga muitas vezes associadas às paleodunas com sua vegetação típica, principalmente as figueiras centenárias”.

Figura 7 - Belezas Cênicas e Áreas Prioritárias para Conservação do Bioma Pampa



Fonte: Vieira (2016).

Porém, essas paisagens foram cartografadas nos volumes do *Atlas das Belezas Cênicas das Paisagens do Pampa: olhar, ler, refletir e compreender para valorizar a paisagem*. Foram identificadas e mapeadas 192 belezas cênicas. Para facilitar a elaboração e leitura do Atlas, inicialmente as belezas foram separadas de acordo com a *Narrativas, Geografias & Cartografias – para viver, é preciso espaço e tempo Vol.II*



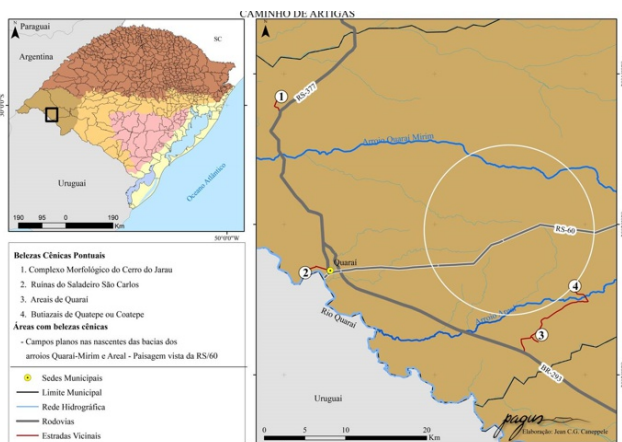
unidade geomorfológica em que estavam inseridas ou em áreas de contato entre duas unidades. Como o Rio Grande do Sul possui cinco unidades geomorfológicas, o Atlas foi dividido em cinco volumes.

A segunda etapa consistiu na criação dos caminhos dentro das unidades geomorfológicas. O objetivo dessa subdivisão, é de que as belezas próximas umas das outras possam ser visitadas a partir de uma mesma rodovia ou rota, facilitando o deslocamento de quem possa se interessar a conhecer as belezas cênicas. Dentro dos caminhos, foram localizadas as belezas cênicas pontuais e as áreas com belezas cênicas a serem visualizadas a partir das rodovias e estradas, como mostram as Figuras 8, 9 e 10.

Definidos os caminhos, iniciou-se a coleta de fotografias. Durante a localização, o mapeamento, a busca de fotografias e a atualização das belezas, sendo que muitas vezes as nomenclaturas e toponímias dos lugares eram diferentes das que foram relatadas durante as entrevistas. O mesmo lugar pode ser conhecido por nomes diversos. As nomenclaturas das belezas cênicas que aparecem no Atlas são as mesmas das respostas dos entrevistados.

Os mapas temáticos foram elaborados com o objetivo de otimizar a visualização das belezas cênicas pela divisão delas, de acordo com as rodovias que as conectam.

Figura 8 - Identificação de um caminho: das Artigas



Fonte: Vieira (2018).

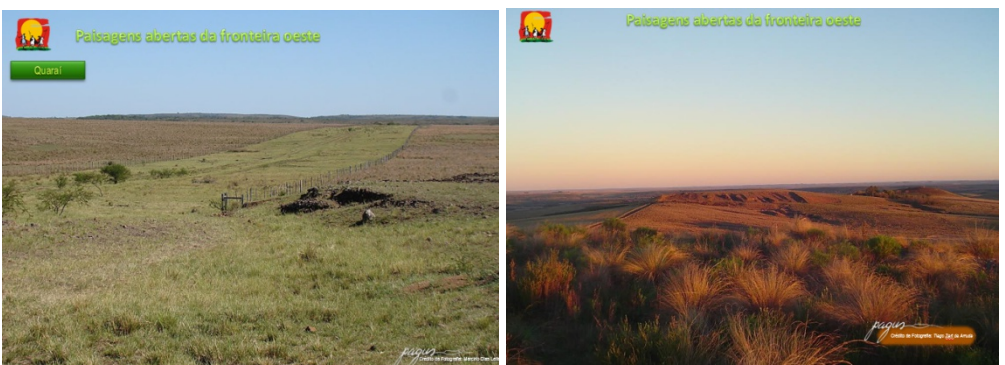
## As Cartografias do Pagus que se Entrelaçam em suas Narrativas Multidisciplinares

Figura 9 - Fotografia e a caracterização cultural de um ponto, Cerro do Jarau



Fonte: Vieira (2018).

Figura 10 - Fotografia de uma área aberta



Fonte: Vieira (2018).

## **Cartografia perceptiva na instalação dos parques eólicos**

Esta narrativa sobre a experimentação de produzir expressões cartográficas se refere à necessidade de se estabelecer os indicadores de percepção da paisagem quando dos projetos de instalação de Parques Eólicos no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Assim, por demanda da Fundação Estadual de Proteção Ambiental (FEPAM), propôs-se como objetivos reconhecer os elementos que estruturam uma paisagem e entender a relação destes com os novos elementos (aerogeradores) que são a ela integrados, na escala espacial e temporal. Sobretudo, a partir da percepção daquelas pessoas que seriam impactadas direta ou indiretamente por estas estruturas.

Para a definição do espaço geográfico do estudo, optamos, (VERDUM et al., 2012), por dois planos de informação: a) as unidades de paisagem definidas no âmbito da FEPAM, para o licenciamento ambiental dos aerogeradores; b) o território municipal definido como aquele de referência para a solicitação dos licenciamentos dos empreendimentos eólicos junto a este órgão do Estado, pelos empreendedores.

Assim, além do levantamento bibliográfico sobre os métodos relativos ao estudo da paisagem, através da abordagem da paisagem perceptiva, (VILÀS, BOVET PLA, 1992; BERQUE, 1998; DEL RIO, 1997; TUAN, 1980), as etapas propostas para o estudo de indicadores de percepção da paisagem e produção cartográfica foram: a) a definição de indicadores de percepção da paisagem; b) a aplicação do instrumento de pesquisa, junto à população fixa (rural e urbana) e flutuante (turistas), nos municípios de Pinheiro Machado, Livramento, Giruá, São Francisco de Paula, Osório, Tramandaí e Imbé no Estado do Rio Grande do Sul; municípios estes potencialmente favoráveis à geração de energia eólica.

Para alcançar os objetivos propostos se desenvolveu a metodologia da percepção da paisagem a partir do reconhecimento geográfico, histórico e ecológico da paisagem. Neste sentido, foram estabelecidos os níveis de análise, no que se refere a sua proteção, aos seus elementos naturais e patrimoniais e às percepções humanas, isto é, a valoração das identidades individuais e coletivas relacionadas à

paisagem, enquanto elementos ou conjuntos que as pessoas identificam como referências, pela observação, caracterização e diferenciação delas (paisagens de identidade ou ícones), inclusive, em função da escala temporal (VERDUM et al. 2012).

Quanto à proteção, observação, diferenciação e publicização da paisagem se deve considerar a subjetividade, individual e coletiva, pelo referencial cultural de determinada comunidade. A observação e a diferenciação espacial (morfológico/estrutural) podem ser reconhecidas por elementos ou conjuntos morfológicos distintos da paisagem, como por exemplo: planalto, serra, colina, cerro ou planície. A apropriação e o uso (funcionalidade da paisagem) podem ser observados e diferenciados pela transformação da paisagem, através do trabalho e das técnicas utilizadas pelas sociedades locais; sendo assim as paisagens, também, são produtos sociais. Portanto, a concepção de paisagem assume significados distintos: têm-se padrões paisagísticos locais e identidades locais.

Para a diferenciação da paisagem em função da escala temporal se considera a noção de tempo histórico, isto é, uma paisagem passa a fazer parte da identidade individual e coletiva em torno de 25 anos (uma geração). No caso dos aerogeradores, por estarem em fase inicial de implantação e de operação nas paisagens no Rio Grande do Sul, em 2005, ainda não havia tempo de referência suficiente para que se pudesse realizar uma reflexão individual/coletiva ampla e aprofundada sobre a sua incorporação como elementos da paisagem, criando uma referência para a subjetividade que deveria ser expressa pelas pessoas.

Neste sentido, foi fundamental que os entrevistados tivessem a noção escalar dos aerogeradores como novos elementos que seriam incorporados gradativamente à paisagem. Assim, em relação à aplicação do instrumento de pesquisa junto à população local, foi fundamental apresentar referências das dimensões espacial e temporal dos aerogeradores, através de fotografias que foram criadas em meio digital e utilizadas nas entrevistas, Figuras 11, 12 e 13.

Para se estabelecer os índices de qualificação das paisagens pelos entrevistados e os indicadores visuais, propuseram-se as

---

seguintes etapas metodológicas:

a) Analisar a paisagem pela sua globalidade ou pela sua decomposição em unidades que são definidas por limites naturais: *elementos (planície, coxilha, cerro, serra – vale, encosta, topo; floresta, banhado...)*; neste sentido pode-se propor que o entrevistado avaliasse globalmente o conjunto da paisagem (primeira impressão) e/ou de seus elementos constituintes (modulações da percepção inicial - atratividade) a partir das experiências vividas por ele, numa escala que varia de 1 a 5. O menor e o maior valor nesta escala correspondem às paisagens identificadas pelos entrevistados tendo, respectivamente, menor ou maior importância (avaliação) para eles.

b) Conhecer entre esses elementos ou conjuntos de interesse paisagístico aqueles que são marcantes, referências e valorizados; que realmente determinam a *reação estética e patrimonial*; deve-se levar em consideração a distância do ponto de observação, assim como a dimensão desses elementos constitutivos da paisagem.

c) Reconhecer que esses elementos ou conjuntos evoluem e se modificam com o tempo.

d) Propor ao entrevistado, pelo uso das fotografias (Figuras 11, 12 e 13), que ele estabeleça uma escala de valores para a instalação dos aerogeradores; esta escala deve ser comparada às preferências e definições técnicas do empreendedor e do corpo técnico do licenciamento.

e) Contrapor paisagens que apresentem mais ou menos intervenções sociais, valorando os elementos e os conjuntos, com menor intervenção social. As intervenções devem ser diferenciadas a partir das *funções sociais* que a elas foram associadas (p. ex.: extração, sistemas de produção agrícola, lazer, urbano, etc.).

Assim, as paisagens podem ser valorizadas em três níveis:

- Paisagens muito transformadas socialmente (valor 1)
- Paisagens medianamente transformadas socialmente (valor 3)
- Paisagens pouco transformadas socialmente (valor 5)

Os elementos ou conjuntos da paisagem identificados como



patrimônios culturais, individuais ou coletivos, são considerados como de valor 4 ou 5. Esse método permitiu elaborar a expressão cartográfica dos elementos da paisagem passíveis de incorporarem os aerogeradores e aqueles considerados como elementos ou conjuntos de referência (paisagens ícones) e que devem ser preservados de tais estruturas (parques eólicos), diferenciados pela escala de valor de 1 a 5, Figura 14.

Como principais resultados desta experiência de pesquisa, além da obtenção das percepções individuais e coletivas dos entrevistados na forma de uma expressão cartográfica, revelam-se aquelas paisagens consideradas como sendo não transformadas (vegetação nativa e pecuária) e aquelas já modificadas (áreas de agricultura e silvicultura).

O instrumento aplicado da paisagem do futuro com os aerogeradores instalados se mostra eficaz, isto é, ao se introduzir este novo elemento na paisagem e se dar ao entrevistado a dimensão escalar, estes se reconhecem e se manifestam perante às mudanças na forma e na funcionalidade da paisagem, ao longo do tempo.

Identifica-se, também, que a qualidade visual da paisagem pode estar relacionada com o valor naturalístico (unidade paisagística em que o estado de conservação dos ecossistemas possui espécies animais notáveis ou, ainda, singularidades naturais relacionadas a fatores geológico-paleontológicos); o valor de produtividade (produtividade agrícola, turístico, florestal) e o valor perceptivo e cultural (valores subjetivos derivados da paisagem). A partir disso, na forma de percepção, é possível estudar diferentes tipos de qualidade da paisagem, tais como: qualidade visual (aspectos visuais), qualidade ecológica (valor naturalístico do sistema) e/ou qualidade cultural (valores culturais).

Figura 11 - Montagem com a utilização da paisagem da Serra das Asperezas, em Pinheiro Machado



Fonte: Verdum, Vieira e Pinto (2012)

Figura 12 - Montagem com a utilização da paisagem rural do município de Herval, Rio Grande do Sul, Brasil. Utilizou-se esta paisagem com a finalidade de que os entrevistados tivessem a noção do tamanho dos aerogeradores em relação às torres de alta tensão



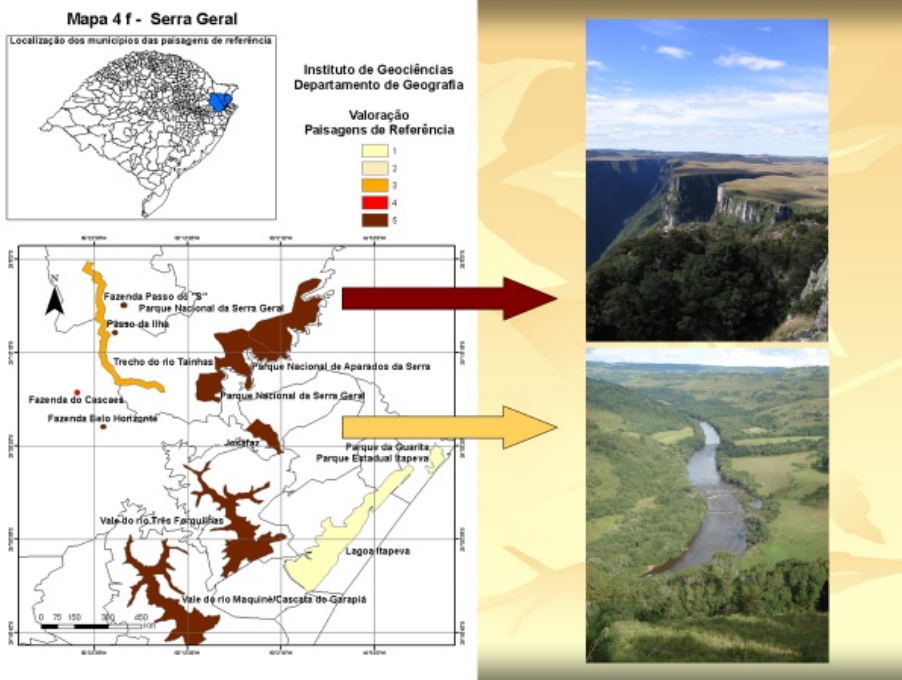
Fonte: Verdum, Vieira e Pinto (2012)

Figura 13 - Montagem com a utilização da paisagem dos Cerros em Santana do Livramento



Fonte: Verdum, Vieira e Pinto (2012)

Figura 14 - Exemplo da cartografia de Paisagens de Referência como instrumento para o licenciamento ambiental



Fonte: Verdum, Vieira e Pinto (2012)

### Uma cartografia para a paisagem rural e urbana em regiões metropolitanas: da percepção à técnica

Para desenvolver a pesquisa apresentada na dissertação de mestrado<sup>6</sup>, foi necessária a elaboração de um conjunto de elementos gráficos, tais como: fotografias, imagens de satélites, desenhos de perfis, croquis e mapas do sítio que me permitissem uma boa apreensão do espaço e conseqüentemente do objeto de estudo. Assim, pude (LINCK, 2017), observar as relações entre a paisagem rural e urbana frente às diretrizes estabelecidas no Plano Diretor Urbano Ambiental de Canoas (PDUA) e seus conseqüentes desdobramentos no espaço, tendo como categoria de análise a paisagem. A cartografia, nesse contexto, entra como ferramenta fundamental de amarração do conjunto de elementos gráficos e

6 Dinâmica Espacial Entre Paisagem Rural e Urbana, no Entorno da BR 448. Rodovia do Parque – RMPA/Canoas-RS.

---

teóricos que utilizei, permitindo, assim, construir uma narrativa que proporcionasse um entendimento dos diferentes processos em curso no espaço, através da leitura da paisagem. No trabalho busco a paisagem perceptiva, entretanto, sem abandonar aspectos descritivos do que se apresenta no sítio estudado, além de considerar a construção do imaginário que se mostra através dos relatos nas entrevistas e na pesquisa histórico-temporal.

O método usado para alcançar os objetivos propostos teve como base a divisão do sítio em diferentes Unidades de Paisagem (UPs), definidos a partir dos indicadores de percepção da paisagem e dos quatro critérios de análise espacial da paisagem: a forma, a função, a estrutura e a dinâmica (VERDUM, 2012). Estes aspectos estão descritos no capítulo Metodologia, da dissertação de mestrado (LINCK, 2017). Para planificar as diferentes unidades de maneira gráfica a cartografia foi o recurso que utilizei. Assim pude traçar os limites de cada unidade, a abrangência direta e indireta, suas relações com o entorno e a relação entre as diferentes unidades. Após as primeiras visitas a campo elaborei um mapa perceptivo com uma perspectiva ao modo voo de pássaro, este primeiro elemento gráfico foi construído com base na observação do local associada às imagens de satélite obtidas através do *OpenStreetMap* ([pts://www.openstreetmap.org/search?query=canoas%2C%20rs#map=12/-29.9155/-51.177ht7](https://www.openstreetmap.org/search?query=canoas%2C%20rs#map=12/-29.9155/-51.177ht7)). Para a divisão e os limites territoriais dos bairros e do município, utilizei os dados fornecidos na página da internet da prefeitura de Canoas <http://www.geo.canoas.rs.gov.br/img/gmapas/Bairros%20Canoas%20RS.pdf>.

Com base nas diferentes fontes elaborei em programa de CAD os mapas das UPs em escalas adequadas. Utilizando o recurso de sobreposição das imagens, criei diferentes camadas destacando os elementos pertinentes à pesquisa em cada um dos mapas. Para a melhor compreensão e leitura do material gráfico, elaborei um conjunto de representações indicado em legenda geral, identificando os elementos presentes nos mapas e nos perfis do sítio. Elaborei um mapa para o conjunto de todas as UPs: conjunto de UPs (Figura 15).

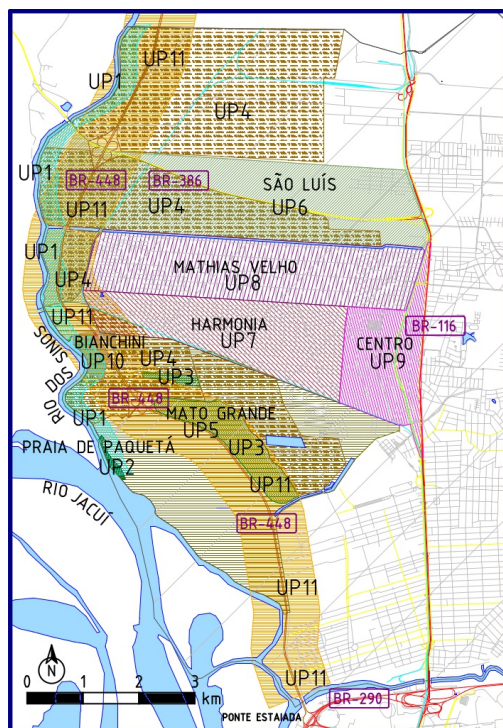
Para cada UP individualmente fiz um trabalho descritivo e fotográfico da paisagem associados a um mapa específico, constituindo, assim, uma cartografia narrativa.

O trabalho cartográfico, somado aos diferentes dados obtidos na pesquisa (relatórios e entrevistas de campo; análise de imagens fotográficas, imagens de vídeo e de satélite; análise do PDUA e do material teórico publicado anteriormente), me permitiu construir uma narrativa sobre o tema proposto. As plantas, mapas e demais esquemas gráficos elaborei com recursos que me ajudassem a enfatizar os aspectos que se mostraram relevantes durante as incursões a campo. Assim foi possível classificar as UPs em três diferentes tipos de contextos no que diz respeito a paisagem: rural, urbana e híbrida (mesclada).

Para chegar a esta classificação e diferenciar cada uma delas, a cartografia foi fundamental, tanto na sua forma mais rígida (plantas e mapas) quanto na sua forma descritiva (descrição da paisagem). A partir da minha experiência, posso concluir que a clássica descrição da paisagem geográfica tem um alinhamento direto com o que pode ser representado no mapa, tornando indissociável a ligação entre a paisagem e a cartografia como recurso narrativo na análise do espaço.



Figura 15 - Conjunto de UPs. Mapa com todas as Unidades de Paisagem



Fonte: Linck (2017)

### A percepção da água na paisagem: cartografando a paisagem e a não paisagem

Temos visto que cada dia as questões relacionadas à qualidade da água vêm ganhando maior importância na academia, nos meios de comunicação, entre os gestores e na opinião pública. Isso se deve ao fato de que este bem natural essencial à vida, está cada vez mais escasso em condições ideais para o consumo humano, para a manutenção da vida aquática e para as atividades econômicas. Segundo diversos estudos científicos realizados, o volume de água no planeta é estável, pois o ciclo da água na Terra é considerada como um ciclo fechado – Ciclo Hidrológico (SILVEIRA, 2001), onde o seu volume disponível é tido como constante. Mas, em decorrência do mau uso desse recurso, da expansão do agronegócio, da ocupação urbana, entre outras interferências, sua qualidade já não apresenta condições ideais de consumo.

Segundo estudo da Comissão Mundial Sobre a Água no Século XXI, em 1999, quase a metade dos corpos hídricos do planeta já não apresentavam uma qualidade que se considera adequada para consumo. A contaminação e a poluição, tanto orgânica quanto química. A degradação dos ecossistemas aquáticos e a derrubada da mata ciliar são as principais causas desse quadro e, se continuarmos nesse ritmo em relação ao mau uso dos recursos hídricos, num futuro próximo, a humanidade poderá passar por uma grave escassez de água no planeta.

Por outro lado, existe outra questão não menos importante, mas que é tratada de forma mais subjetiva, que diz respeito ao meio em que nós vivemos, que é a paisagem. O espaço que é ocupado pelo ser humano e suas relações sociais, seja em uma paisagem rural ou urbana, sempre vai ocasionar interferências em relação à qualidade destas paisagens. Assim, na abordagem da relação água/paisagem, esse estudo usou, para cartografar a percepção da paisagem pelos atores da área de estudo, entrevistas, em que foram considerados os preceitos da Fenomenologia e da Geografia Cultural. Tomando-se como base os preceitos de Sauer, Berque, Bertrand, Nassauer, e demais autores que constituem o referencial teórico e metodológico deste estudo. Sabe-se que, atualmente, as questões relacionadas às transformações e interferências na paisagem são alvo de estudos que tentam descrever e entender como são produzidas e percebidas. A qualidade da paisagem e do meio ambiente pode ser vista como a causa de muitos problemas ambientais (SANTOS, 2002).

Tendo estes dois aspectos ambientais como ponto de partida: a água e a paisagem, fez-se uma cartografia, (RANGEL, 2008), através da percepção que as pessoas de uma bacia hidrográfica têm do meio ambiente em que vivem, e que aqui foi denominado como sendo a percepção da água na paisagem.

Um dos principais aspectos que podem ser usados como proposta a ser considerada para a análise desses dois graves problemas ambientais, a qualidade da água e da paisagem, diz respeito à percepção que as pessoas têm sobre a água no seu cotidiano e no meio em que vivem.

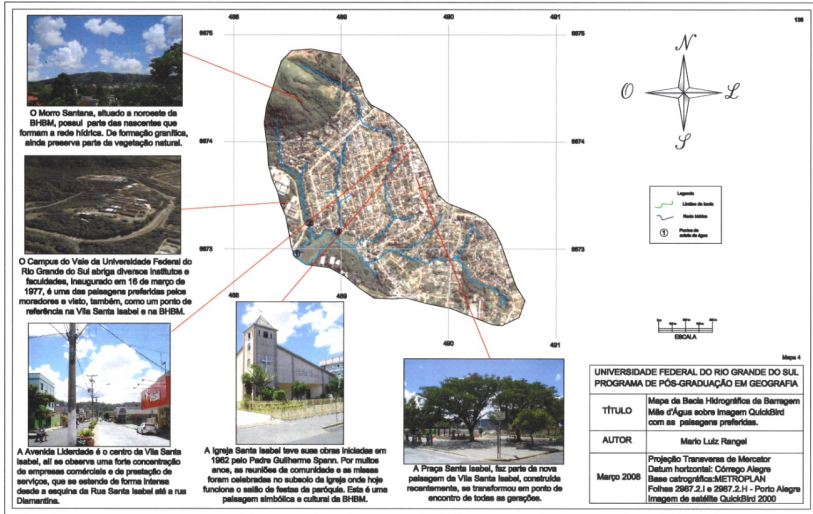
---

Assim, no Mestrado realizado em 2008, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, intitulado “*A percepção sobre a água na paisagem urbana: bacia hidrográfica da Barragem Mãe D’água – Região Metropolitana de Porto Alegre*” (<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/15720>), foi proposta uma metodologia de estudo sobre como a população de uma bacia hidrográfica, fazendo-se uso da pesquisa ação (THIOLENT, 2005) e da pesquisa social (MINAYO, 2004) para saber como a população e os usuários de uma bacia hidrográfica percebem a água inserida na paisagem e de como esta chega às suas casas para consumo. A partir dessa percepção, foi construída uma cartografia específica, na área de estudo, onde foram locados os pontos de melhor e pior avaliação da qualidade de paisagem e da água inserida na paisagem.

Com as suas vivências, demonstradas no conteúdo das respostas às perguntas dos questionários aplicados, as respostas obtidas serviram de base para a confecção de uma cartografia que pudesse demonstrar a percepção da paisagem pelos moradores e usuários da bacia hidrográfica de estudo, estas foram definidas em duas categorias de paisagem a partir do *corpus* da pesquisa: a Não Paisagem e a Paisagem. Sendo a Paisagem, definida aqui, como aquela que traz uma sensação agradável, prazerosa e que remete a coisas boas. E a Não Paisagem, que é o inverso, uma paisagem que é descrita como desagradável e/ou degradada.

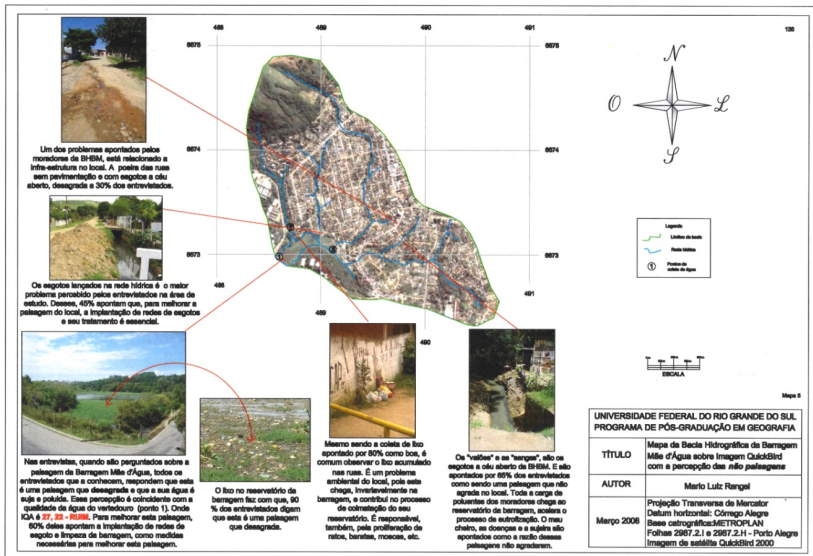
Com os resultados do *corpus* da pesquisa, foi realizado um levantamento fotográfico georreferenciado dos locais mais citados de Paisagens e Não Paisagem. Os dados foram plotados em uma base cartográfica da Metroplan, na escala de 1:10.000 das folhas 2987.2.I e 2987.2.H – Porto Alegre, e sobre uma imagem *QuickBird*, na escala de 1:8.000, de 2000, que resultou em dois produtos denominados de: “*Mapa da Bacia Hidrográfica da Barragem Mãe d’Água sobre imagem QuickBird das Paisagens*” (Figura 16) e “*Mapa da Bacia Hidrográfica da Barragem Mãe d’Água sobre imagem QuickBird das Não Paisagens*” (Figura 17), materializando a percepção dos entrevistados sobre as suas paisagens preferidas e paisagens que não lhes são agradáveis.

Figura 16 - Cartografia da Bacia Hidrográfica onde foi realizada a pesquisa, contendo a indicação dos locais tidos pela população como sendo agradáveis. – As “Paisagens”



Fonte: Rangel (2008).

Figura 17 - Cartografia da Bacia Hidrográfica onde foi realizada a pesquisa, contendo a indicação dos locais tidos pela população local como sendo desagradáveis. – “Não Paisagens”



Fonte: Rangel (2008).

---

### **Mapa: uma tecnologia para representação e performance turística na paisagem**

Narro aqui, a relação entre paisagem e cartografia construída a partir do problema de pesquisa: *Como Porto Alegre se constitui em destino turístico?* Para iniciar o diálogo poderíamos perguntar: o que permite designar um espaço enquanto turístico? Em uma resposta simples: é aquele em que há a presença de turistas, e os vários rastros que a indicam. A compreensão desta adjetivação vem do entendimento dos usos e das significações que os turistas fazem em suas performances com o espaço. (PIMENTEL, 2017).

Essas interações, por sua vez, estabelecem e estabilizam arranjos em um emaranhado, composto por materialidades, discurso social, tecnologias, práticas e atores (FRANKLIN, 2004). Arranjos esses que fazem parte de um sistema Turismo, que ultrapassa em muito as performances dos visitantes, e que é historicamente constituído e espacialmente diferenciado.

Um dos aspectos dessa transformação passa pelo entendimento do espaço turístico enquanto paisagem, entendida aqui enquanto dimensão estética e marcada pela dialógica entre material e simbólico. A prática do turismo é caracterizada pelo deslocamento com a finalidade explícita dialogar com outro arranjo espacial. Neste sentido, está a vivência em primeira mão e em sua corporeidade para além do sentido da visão. Mas também está a significação e representação dessa vivência em termos simbólicos, dotando-a de sentido pessoal.

Uma fonte interessante para avaliar como os locais são transformados em paisagens turísticas é a literatura endereçada a visitantes. Esse discurso designa um espaço enquanto turístico. Reflete a cristalização de um arranjo turístico, e é ponto de acesso ao modo como tal intencionalidade se constitui sobre determinado local. Tal discurso está em textos de diferentes formatos e suportes. Exemplos seriam guias e relatos de viagem, cadernos de Turismo de jornais, revistas de bordo, mapas, encartes, folhetos distribuídos a visitantes, bem como, blogs, aplicativos e plataformas interativas da *web 2.0*, contemporâneos de uma sociedade digital. A pesquisa aqui



empreendida organizou um *corpus* da literatura turística de Porto Alegre com 135 documentos, em um período que abrange cem anos: de 1915 a 2015.

Tais textos têm como função servirem de apoio para estrangeiros em uma terra estranha, atuam como ferramentas para a descoberta e prática turística de determinado espaço, além de promoverem lugares e imaginários particulares. Têm como função organizar o saber sobre determinado espaço, exibindo-o de forma condensada ao visitante. O que ali é apresentado atua como ponto de partida para organização do uso do tempo e da eleição das práticas a realizarem-se naquele local estranho. Essa literatura viabiliza, portanto, o diálogo entre turista e destinação. Ao descrever determinados lugares, recortando e destacando certos aspectos, e tornando outros opacos ou ausentes, a literatura de viagem cria uma representação, um espaço imaginado e imaginário. Ao indicar o que deve “ser visto” atribui um propósito para que os visitantes apropriem-se daquela realidade, convertendo o local em “destino”.

Para Knafou (2000, p. 473), “o espaço guiado é o espaço normatizado”. Essa norma não compreende tanto um caráter de obrigatoriedade, mas de permissividade, ressaltando seu aspecto programático, ou seja, de apresentar sugestões de locais e comportamentos: um agendamento. Ao normatizar o espaço, a literatura de viagem auxilia a estabilizar as incertezas e preocupações de ordem prática, e assim permite aos seus usuários liberar-se para o lazer, entendido como uma “situação de espontaneidade, de júbilo na ocupação consigo” (CORBIN, 2009, p. 19). Apesar dessa finalidade, as indicações e as escolhas realizadas na literatura turística são permeadas de implicações políticas, muitas vezes refletindo disputas da sociedade anfitriã.

Assim, uma relação existente entre turismo, paisagem e cartografia é o uso dos mapas enquanto uma tecnologia que permite aos visitantes performarem e dialogarem com o espaço desconhecido. Além de ser um índice, diretamente vinculado à materialidade que representa, o mapa turístico, também atua como um código. Essa função de códice, tais como as etiquetas junto às

---

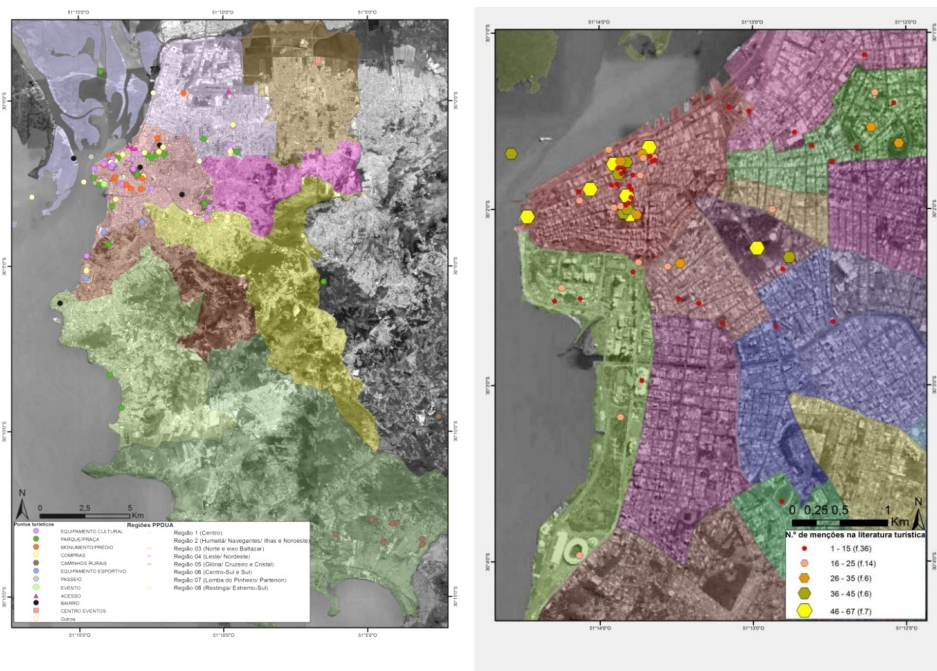
obras em museus, permite a triangulação existente entre paisagem material, paisagem simbólica e turista. Em um processo semelhante a semiótica da atração turística descrita por Maccannell (2006). Permite aos visitantes criarem suas próprias versões daquela realidade, de acordo suas vivências. Como tecnologia espacial, há sempre a opção de transgredir, ou desconsiderar os conselhos da publicação e construir outra agenda e proposta de como lidar com o espaço. Um exemplo é o relato de Rosseto (2012), a respeito do seu ponto de vista, sobre um mapa temático do muro de Berlim, em que aponta:

Mapas tornaram-se não apenas produtos em que ideologias e estratégias de marketing estavam codificadas, mas ferramentas necessárias para abertamente desempenhar [*performing*] meu encontro com o espaço urbano. [...] Não é uma questão de liberdade para explorar o espaço da cidade em contraste com as imposições do mapa. Sugiro que seguir as rotas dos mapas na sua intenção de explicar a evolução da forma da cidade se tornou em si um ato de liberdade. [...] Deslocando-se pelo espaço dos mapas de Berlim, os turistas organizam seus conhecimentos e imaginação sobre a cidade, adquirindo uma competência que pode tornar o seu encontro com a cidade simultaneamente mais lúcido e encantador. Inclusive nesse sentido, nós podemos pensar que as tecnologias do mapa se tornam empoderadoras ao invés de controladoras (ROSSETO, 2012, p. 35-36).

Outra relação entre cartografia, turismo e paisagem é utilizar os textos da literatura turística para conhecer quais paisagens de Porto Alegre foram atribuídas a condição de 'turística'. Para isso, realizei uma cartografia dos locais e cenários enunciados. A Figura 18 apresenta a distribuição dos pontos mencionados na literatura para visitantes. Estão categorizados de acordo com sua característica principal, tais como: equipamento cultural, parque/prça, monumento/prédio histórico, etc. A Figura 19 apresenta a frequência das menções de cada ponto, em um recorte da área central da cidade.

Figura 18 - Apresenta a distribuição dos pontos mencionados na literatura para os visitantes em Porto Alegre

Figura 19 - Apresenta a frequência das menções de cada ponto, em um recorte da área central da cidade de Porto Alegre



Fonte: Pimentel (2017).

Um pressuposto metodológico para a essa análise foi atribuir a todos os textos pesquisados um patamar de igualdade, independente de sua autoria, data e cenografia. Buscou-se percebê-los em uma espécie de superfície lisa examinando o que emergiu e o que restou no plano. Assim, nesse momento ignoraram-se as diferenças na dimensão cronológica de um *corpus* documental que abrange um período de 100 anos. Esta análise faz apelo à obra: "As Cidades Invisíveis" de Italo Calvino (2003), em que Marco Polo pretende apresentar ao imperador Kublai Khan as várias cidades do reino mongol. A análise dos discursos que exibem a Porto Alegre turística recordou essa situação. São cidades [paisagens] invisíveis, na medida em que se constituem desde o discurso do narrador que as descreve e que, assim, as tornam presentes, mesmo em sua ausência ou invisibilidade para o ouvinte.

---

Sublinha-se ainda a importância da dimensão discursiva, que atua na construção dessas diferentes imagens de cidade, que recursivamente acabam sendo, à vista do leitor, as próprias cidades. É um campo em que a distinção de uma 'cidade imaginária' de uma 'cidade real' torna-se difícil e empobrecedora, elas misturam-se como a tela e a tinta de uma pintura.

A análise dessa literatura turística sobre Porto Alegre permite, por um lado, apontar de que modo os redatores desses enunciados gostariam que o público-alvo percebesse a cidade. A que ideais de paisagem urbana os produtores do discurso turístico gostariam de vincular Porto Alegre. Por outro lado, é um discurso realizado para certo interlocutor e, assim, elucida também quem é a figura imaginada como o turista e qual a posição lhe é atribuída.

### **Cartas de amor para a rua: processo do cartografar ou cartografar como processo**

Ensaio, aqui, a cartografia como expressão de intensidades da paisagem a partir de narrativas endereçadas à cidade, de forma a explorar metodologia desenhada por Caron, Perseu e Carvalho (2018). Tais discursividades têm como tema os amores e os desamores suscitados pelo meio urbano. Exploro, ainda, o cartografar como processo, “desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 2018). O investigador, de tal maneira, é encarado aqui como alguém cujo agir, cuja abertura à possibilidade da experiência repercute na forma como se dá o conhecimento.

A experiência e sua possibilidade de transmissão - a narrativa - passam, segundo diversos autores, por crises oriundas das lógicas da modernidade (BENJAMIN, 1936; JACQUES, 2008; 2015; GUATELLI, 2006; DI FELICE, 2009; LARROSA, 2017). Nos deparamos constantemente com um sistema hierárquico e supostamente imparcial de construção do conhecimento. Investigar através de uma abordagem narrativa implica, destarte, em uma busca pelo resgate de práticas e discursividades subalternizadas frente a

poderes dominantes (RIBEIRO, 2017), em um processo adjacente ao que Guattari e Rolnik (2010) referem-se como produção industrializada ou capitalística de subjetividade.

Ao propor uma cartografia dos amores e desamores na e pela cidade, dos afetos e dos sentimentos, o que se busca é proporcionar aberturas através das quais a experiência, enquanto mediação entre vida humana e conhecimento (LARROSA, 2017), possa ocorrer. Ribeiro (2017) postula que epistemologias contra-hegemônicas possam ser construídas a partir de “outras possibilidades de existências para além das impostas pelo regime discursivo dominante” (p. 90). Faz-se necessário, no entanto, desnaturalizar uma suposta neutralidade do conhecimento, empreendimento compatível com a abordagem da narrativa enquanto instrumental para investigações de cunho social (ARFUCH, 2018).

A escolha por uma perspectiva hermenêutica ocupa-se, segundo Ricoeur (1994), em “reconstruir o conjunto das operações pelas quais uma obra eleva-se do fundo opaco do viver, do agir e do sofrer, para ser dada, por um ator, a um leitor que a recebe e assim muda seu agir” (p. 86). Postulo, desta forma, o cartografar como o próprio processo de obtenção de conhecimento: como posicionamento político, de caráter sempre inacabado, e que expressa conhecimentos oriundos da experiência de mundo daquele que cartografa. A cartografia, pensemos, como uma configuração narrativa, um bloco discursivo em que as práticas ganham forma e podem ser, assim, interpretadas com vistas a novas experiências, notações e epistemologias.

O objeto de estudo do presente trabalho foi construído a partir de uma intervenção urbana realizada pelo grupo R.U.A.: Refletir Urbanidades na Ação, da Escola Livre de Arquitetura, no Viaduto Otávio Rocha, em Porto Alegre, em junho de 2019. A partir da pergunta “Você quer escrever uma carta de amor para a cidade?”, as pessoas que se encontravam no local foram convidadas a expressar seus afetos pela cidade, através de cartões-postais fornecidos na ocasião. Assim, o presente trabalho faz uso: (1) da coleta de narrativas endereçadas à cidade e (2) da construção de



arquivo documental de narrativas da paisagem, ambos os itens realizados pelos proponentes da ação. Ao final do evento, foram contabilizadas 83 cartas preenchidas, que foram escaneadas para que o presente trabalho pudesse iniciar. A utilização dos cartões-postais aponta, ainda, para uma possibilidade de subversão da instantaneidade e objetividade dos recursos comunicativos do século XXI.

O presente trabalho inicia mais diretamente com a (3.1) análise discursiva, ou organização do conhecimento semântico oriundo das narrativas, baseada, em boa medida, nos trabalhos de Caron (2017) e Caron, Perseu e Carvalho (2018), tendo como constructos principais: (a) Temas, ou formas implícitas e transversais de significação das narrativas (BARTHES, 2009; CARON, 2017; CARON; PERSEU; CARVALHO, 2018), (b) Elementos do Cronotopo, ou imagens espaço-temporais que ancoram os acontecimentos de um enredo literário (BAKHTIN, 1998; CARON, 2017; CARON; PERSEU; CARVALHO, 2018) e (c) Valorações, ou formas de significar o que está sendo contado (CARON, 2017; COELHO, 2011; BAKHTIN, 1998; CARON; PERSEU; CARVALHO, 2018).

O tema “Amor” permeou o processo de escrita dos participantes, visto que estava proposto na pergunta geradora das narrativas da paisagem. Por se tratar de uma categoria de análise paradigmática (BARTHES, 2009), o tema acaba por ser identificado tanto na indicação de sua presença quanto de sua ausência, nas narrativas que aqui chamo de “Desamor”.

Para as 83 cartas arquivadas, foram encontrados 57 elementos do *cronotopo* — ocorrências de lugares ao longo das narrativas (a rua, a cidade, a praça). Destes, 23 foram utilizados na elaboração de (3.2) cartografias da paisagem e valorados conforme o *Prototipo de Catálogo de Paisaje*, (NOGUÉ, 2006), documento que, segundo Coelho (2011), “[...] estabelece as bases conceituais e metodológicas para a elaboração dos Catálogos de Paisagem da Catalunha, com vistas a incorporar a paisagem nos processos de planejamento territorial” (p. 135). Os demais elementos, ainda não cartografados,

dizem respeito, em sua maioria, à cidade como um todo ou a fenômenos naturais, cujo papel nas discursividades afetivas produzidas durante a ação aponta para a possibilidade de outras investigações.

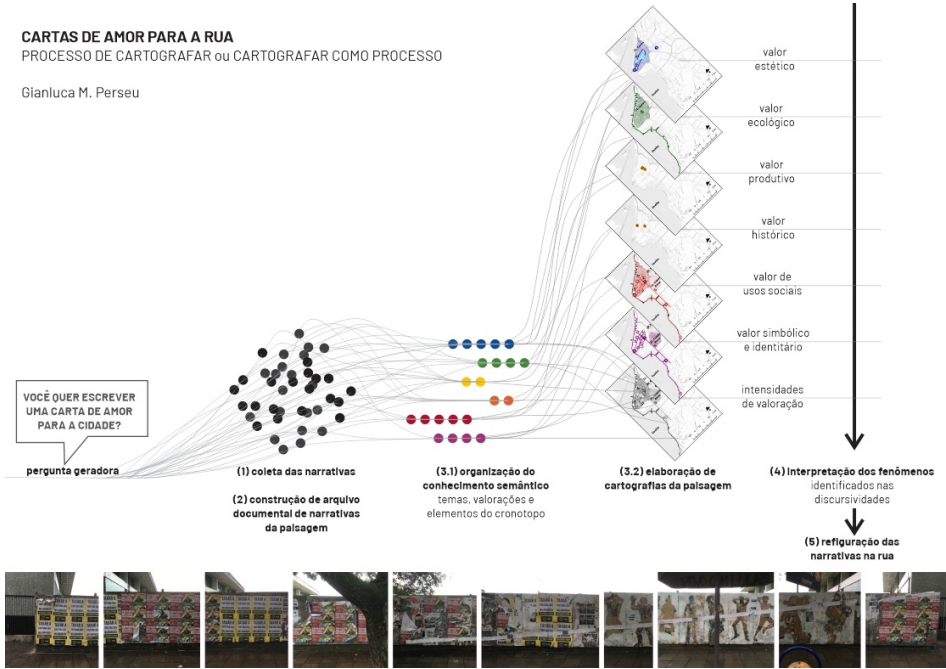
A partir das cartografias elaboradas, iniciou-se um processo de (4) interpretação das intensidades da paisagem narrada da cidade. Os valores simbólicos e identitários atribuídos discursivamente aos lugares de Porto Alegre foram a matiz mais recorrente nas cartas interpretadas, o que sugere não apenas o importante papel do pertencimento na problematização da vida urbana, mas também na discussão do que vem a ser o amor. Assim, encaro o estudo aqui descrito como uma investigação do que vem a ser, e como se manifesta, o amor no meio urbano. As valorações de usos sociais e estéticas também foram bastante empregadas, ficando as demais (ecológica, produtiva, histórica e religiosa) com contagem próxima ou igual a zero.

Ao final do processo de investigação, foi elaborada uma (5) refiguração das narrativas na rua, havendo as mesmas sido expografadas e coladas sobre tapume urbano em área central da cidade, com o título “Cartas de Amor para a Rua”.

Larrosa (2017) aponta, na palavra “experiência”, para o radical *periri*, que também está em “perímetro”, no entorno, do lado de fora; e em “perigo”. Experimentar, arrisco, seria um movimento do devir, uma forma de transformar-se em direção de si (DELEUZE, 2010), uma ameaça necessária. Assim, aparece a narrativa como perspectiva de questionamento de nosso envolvimento com o mundo, de resgate da sensibilidade, da lentidão, da contemplação. De paradas e paisagens.

Apresento, ainda, a produção de uma cartografia (Figura 20), menos como representação do território, e mais como processo de apreensão da paisagem urbana através da perspectiva narrativa de investigação. Você quer escrever uma carta de amor para a cidade?

Figura 20 - O processo de investigação compreendido como cartografia



Fonte: Elaborado por Gianluca Perseu (2019).

## Considerações finais

A partir destas diversas abordagens de pesquisa aqui apresentadas, revela-se que no *Pagnus*, buscamos experienciar a aplicação de distintos referenciais teórico-metodológicos de análise da paisagem, frente às problemáticas nos espaços urbanos e rurais. Sobretudo, para expressá-la enquanto materialidades, simbologias e fenômenos das inter-relações entre sujeitos e seus espaços territorializados.

Assim, podemos expressar neste texto, que a arte encontra na paisagem diferentes formas de ser captada, vivenciada e representada, pela diversidade infinita de experiências, ao longo do tempo e das escalas espaciais. O jardim como espaço de experiências e campo de conhecimento, possibilita a integração entre os seres humanos e as suas externalidades reconhecidas como sendo a natureza. Ao mesmo tempo, potencializa tratá-lo como paisagem capaz de ser cartografada, descrita e registrada, com a elaboração de métodos

para expressá-la.

Neste sentido, expressar a paisagem pelas narrativas permite, também, entendê-la como uma possibilidade de perceber e representar os fenômenos, tanto pelos seus aspectos materiais como subjetivos. As narrativas se expressam como fragmentos de uma memória individual do entrevistado, mas também que perpassa a memória coletiva de sua comunidade, materializando a paisagem na sucessão de tempos passados, presentes e futuros, quando se trata de uma prospectiva de planejamento e gestão de um determinado espaço.

A nossa experiência múltipla de cartografar a paisagem no *Pagus*, como fenômeno e representação complexos, leva a nos assumirmos como sujeitos no centro do processo, no sentido de que a paisagem é representada a partir de nossos olhares multidisciplinares que se modificam ao longo do tempo e que se coadunam com as representações dos olhares dos outros. São olhares e narrativas de outros sujeitos, que dialogamos ao longo de nossa trajetória de pesquisas, e que se situam em diferentes espaços e temporalidades, não necessariamente numa linha cronológica. Assim, são paisagens expressas que se relacionam com suas histórias com conteúdos materiais, simbólicos e afetivos.

Na medida em que observamos que as ações humanas contemporâneas afetam cada vez mais as formas, as estruturas, as funcionalidades e as dinâmicas da paisagem, estas também nos indicam a necessidade, enquanto grupo de pesquisa, em fundar ações que denunciem e evitem a degradação das identidades paisagísticas. Neste sentido, estabelecemos em algumas de nossas práticas, a valoração das identidades individuais e coletivas relacionadas à paisagem, como elementos ou conjuntos que os sujeitos identificam como suas paisagens de identidade ou ícones.

A sua apropriação e seu uso, que são observados e diferenciados pelas transformações da paisagem, através do trabalho e das técnicas utilizadas pelas sociedades locais, expressam como a paisagem é produto social, com padrões paisagísticos e identidades locais. Neste contexto, as narrativas e suas cartografias são

ferramentas fundamentais para a expressão dos elementos gráficos e teóricos que permitem construir a compreensão dos diferentes processos em curso no espaço, pela leitura da paisagem.

Assim é também em relação ao entendimento do espaço turístico enquanto paisagem, isto é, sendo a expressão de uma dimensão estética, tanto material como simbólica, capaz de ser narrada e cartografada em seus diferentes formatos. O fazer turismo é caracterizado pelo deslocamento no espaço, como forma de vivenciar fisicamente os sentidos que ultrapassam os limites oferecidos pela visão.

O cartografar, neste caso enquanto turista, assim como das nossas narrativas da paisagem que nós comungamos no nosso dia a dia, no espaço urbano e rural, expressam vivências e conhecimentos advindos da experiência de mundo daqueles, como nós do *Pagus*, cartografamos. Portanto, para nós a cartografia, trata-se de um conjunto de discursos-narrativas, em que nossas práticas se materializam, ganham estrutura, forma e ações que expressam nossas experiências e construções no âmbito da paisagem.

### Referências

- APPEL, J. M. S. **Jardim**: laboratório de experiências a céu aberto. Porto Alegre: Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Instituto de Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/150918>
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.
- BARTHES, R. Introducción al análisis estructural del relato. In: NICCOLINI, S. comp. **El análisis estructural**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1977, p. 65-101.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BERQUE, A. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para Geografia Cultural. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDHAL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, p. 84-91.



- BERTRAND, G. Paysage et géographie physique globale. Esquisse méthodologique. In: Toulouse: **Revue géographique des Pyrénées et du SO**, v. 39, n, 2, p.249-72, 1968.
- BREA, José. Ornamento y utopia – Evoluciones de la escultura em los años 80 y 90. In: **Arte, proyectos y ideas**. IV, n.4. Iniversidad Politecnica de Valencia – Vice Rectorado de Cultura: Valencia, 1996.
- CALVINO, I. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CORBIN, A. **L'Avènement des loisirs: 1850 -1960**. Paris: Champs histoire, 2009.
- CARON, D. **El estudio del paisaje como clave interpretativa del territorio a través de las narrativas para la planificación urbana y territorial**. Paraty, Rio de Janeiro, Brasil como caso de estudio. Barcelona, Cataluña. Tese de Doutorado. Universidad Politécnica de Cataluña, Departamento de Urbanismo y Ordenación del Territorio, 2017.
- CARON, D.; PERSEU, G. & CARVALHO, P. R. . Coreografar a paisagem: a multidimensionalidade requerida pelas cartografias contemporâneas. **Revista Arcos Design**, v. 11, p. 33-52, 2018.
- CLEMENT, Gilles. El jardín en movimiento. Barcelona, España: Editorial Gustavo Gili, s/l, 2012.
- CLEMENT, Gilles. **Jardins, Paysage et génie naturel**. Paris, France: Librairie Arthème Fayrad et Collège de France, 2012.
- DE CERTEAU, M. **La invención de lo cotidiano 1: artes de hacer**. México (DF): Universidad Iberoamericana, 2000. v. I.
- DEGREAS, H. N. Paisagem e proteção ambiental: algumas reflexões sobre conceitos, desenhos e gestão do espaço In: **Paisagem e Ambiente: Ensaios**. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: FAU, 1982 n° IV.
- DEL RIO, V. Paisagem, realidade e imaginário: a percepção do cotidiano In: **Paisagem e Ambiente: Ensaios**. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: FAU. 1997, n° 5
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Acerca do ritornelo . In: **Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1997, p.115-152. v.4.
- DI FELICE, M. **Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar**. São Paulo: Annablume, 2009.
- FLICK, U. **Introducción a la investigación cualitativa**. Madrid: Ediciones Morata, 2007.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- FRANKLIN, A. **Tourism as an ordering: towards a new ontology of tourism**.

- Tourist Studies, 4, 2004.
- GUATTARI, Félix. ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. Capítulo: Subjetividade e História.
- JACQUES, Paola B. **Corpografias urbanas**. Arqutextos, 2008. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/08.093/165>. Último acesso em 2 de outubro de 2018.
- JACQUES, Paola B. **Experiência, Apreensão e Urbanismo**. Coleção Experiências Metodológicas. Salvador: Edufba, 2015. Tomo 1.
- KNAFOU. R. Introduction au Atelier thématique IV: espaces régionaux, espaces touristiques. In: KNAFOU. R. **Les guides imprimés du XVI au XX siècle: villes, paysages, voyages**. Paris: Belin, 2000.
- LARROSA, J. Tremores: escritos sobre a experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- LLOP, C. De la realitat a la representació: de la cartografia a la coreografia. In: NOGUÉ, J. PUIGBERT, L. BRETCHA, G. LOSANTOS, A. (Eds.) **Reptes en la cartografia del paisatge: dinàmiques territorials i valors intangibles**. Olot: Observatori del Paisatge de Catalunya, 2013, p. 89-102.
- KRAUSS, Rosalind E. A escultura no campo ampliado. **Revista October**, n. 8, p. 31-44, 1979.
- LINCK, J. L. M. **Dinâmica espacial entre paisagem rural e urbana, no entorno da BR 448 - Rodovia do Parque - RMPA/Canoas-RS**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- MACCANNELL, D. **The Tourist: theory of new leisure class**. Berkeley: University of California Press, 2006.
- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- NASSAUER, J. I. Culture and changing landscape structure. In: **Landscape Ecology**, Amsterdam: SPB Academic Publishing, v. 10, n. 4, p. 229-237 1995.
- PIMENTEL, M.R. **Uma abordagem geográfica do turismo: visitando Porto Alegre**. Tese de doutorado do PPG em Geografia UFRGS, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/170539>
- RANGEL, M. **A Percepção sobre a água na paisagem urbana: bacia hidrográfica da Barragem Mãe d'Água - Região Metropolitana de Porto Alegre/RS**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio

- Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- RAFFESTIN, C. Paisatges construïts i territorialitats. In: LLOP, C. **Paisatges en transformació: intervenció i gestió paisagístiques**. Barcelona: Diputació de Barcelona, 2009.
- RICOEUR, P. Arquitectura y narratividad. In: MUNTAÑOLA, J. **Arquitectonicos: Arquitectura y hermenéutica**. Barcelona: Edicions UPC, 2003.
- ROSSETO, T. Embodying the Map: tourism practices in Berlin. **Tourist Studies**, v.12, 2012. p. 28-51.
- SANTOS, M. (2002). **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp.
- SAUER, C. O. The Morphology of Landscape (1925). In: **Land and Life: a Selection from the Writings of Carl Ortwin Sauer**. Berkeley: University of California Press, 1963.
- SECRETARIA DE ENERGIA MINAS E COMUNICAÇÕES – SEMC-RS. **Atlas Eólico: Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: SEMC, 2002.
- SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GESTÃO E PARTICIPAÇÃO CIDADÃ DO RIO GRANDE DO SUL - SEPLAG. **Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <http://www.scp.rs.gov.br/atlas/>. Acesso: julho/2014.
- SILVEIRA, A. L. L. Hidrologia e Bacia Hidrográfica. In: TUCCI, C. E. M. (Org.) **Hidrologia: ciência e aplicação**. Porto Alegre: Editora da Universidade/ABRH, 2001.
- THIOLLENT, M. (2005). **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2005.
- TUAN, Yi-fu. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores de Meio Ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.
- VERDUM, Roberto. Perceber e conceber paisagem. In: VERDUM, R.; VIEIRA, L.F. dos S.; PINTO, B. F. P.; SILVA, L. A. P. da (Org.). **Paisagem: leituras, significados e transformações**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012, p. 15-22.
- VERDUM, R.; VIEIRA, L.F. dos S.; PINTO, B. F.; CABRALES, R. Percepção da paisagem na instalação de aerogeradores no Rio Grande do Sul. In: VERDUM, R.; VIEIRA, L.F. dos S.; PINTO, B. F. P.; SILVA, L. A. P. da (Org.) **Paisagem: leituras, significados, transformações**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012, p. 73-86.
- VIEIRA, Lucimar de F. dos S. **A valoração da Beleza Cênica da Paisagem do Bioma Pampa do Rio Grande do Sul: Proposição conceitual e**

metodológica. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia; Instituto de Geociências; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Porto Alegre, 2014.

VILÀS, J.R.; BOVET PLA M. DEL. T. Manual de Ciencia del paisaje: teorías, métodos y aplicaciones. Maria de Bolós (organizadora). - **Colección de Geografía**. Ed. Masson S. A. Barcelona. Espanha, 1992.